

Castro Machado, María Celeste de

A estilística da linguagem religiosa em poemas de Adélia Prado : um exercício literário de implicações teológicas

III Jornadas : Diálogos entre Literatura, Estética y Teología

Este documento está disponible en la Biblioteca Digital de la Universidad Católica Argentina, repositorio institucional desarrollado por la Biblioteca Central "San Benito Abad". Su objetivo es difundir y preservar la producción intelectual de la institución.

La Biblioteca posee la autorización del autor para su divulgación en línea.

Cómo citar el documento:

Castro Machado, María Celeste de. "A estilística da linguagem religiosa em poemas de Adélia Prado : um exercício literário de implicações teológicas." Ponencia presentada en las Jornadas Diálogos entre Literatura, Estética y Teología, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Católica Argentina. Buenos Aires, 2007. [Fecha de consulta] <<http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/ponencias/estilistica-da-linguagem.pdf>>

(Se recomienda ingresar la fecha de consulta antes de la dirección URL. Ej: 22 oct. 2010).

A estilística da linguagem religiosa em poemas de Adélia Prado: um exercício literário de implicações teológicas.

Maria Celeste de Castro Machado

UERJ, Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e Faculdade Batista do R Janeiro.

A palavra é a ferramenta de trabalho do escritor; que a manipula, dá forma e vida ao seu pensamento. Assim, a literatura se materializa através da linguagem. Assim, Deus se revela nas palavras dos artistas.

As recorrentes leituras da obra da poetisa Adélia Prado fizeram notar que seu discurso, elaborado na forma poética, conduzia também um universo de considerações sobre a religião católica e sobre a importância de Deus em sua poética, em que é explícita a consideração de que a Poesia vem de Deus.

A acentuada intertextualidade explícita nos poemas dessa poetisa com o discurso bíblico e religioso é um convite sedutor para travar conhecimento com o universo da Teologia. Sabe-se que a intertextualidade não é invenção recente nas práticas literárias, muito menos o recurso ao discurso bíblico, portanto é necessário esclarecer que ela o usa de modo intenso.

A tríade **teologia/língua(gem)/literatura**, que constitui o eixo deste trabalho, infiltrou-se lenta e gradativamente em meus pensamentos, embora não nessa ordem. As primeiras impressões nasceram exatamente da linguagem econômica de Adélia, com a qual tive contato desde muito jovem. Nasceu, posteriormente, a percepção de que não haveria grandeza em Adélia, se não houvesse também o discurso sobre Deus, pois ele permeia integralmente sua obra, tanto em poesia quanto em prosa, embora desta última não se vá falar aqui..

Ainda viva, morando na cidade de Divinópolis, a escritora mineira Adélia Prado se mostra, aos 73 anos, ainda atuante no panorama literário

brasileiro, embora não goste de dar entrevistas e suas aparições públicas sejam estritamente ditadas pela necessidade de apresentar sua obra. A poetisa Adélia se mostra, mas a mulher Adélia se recolhe. A cidadã se mostra participante e influente nas comoções políticas vividas pelo Brasil, mas a mulher de fé, simpatizante das “disciplinas espirituais” dos Padres do Deserto, de João da Cruz e de Mestre Ekhardt, mantém-se arredia e voltada para sua intimidade religiosa, a qual só se entrevê por meio de suas metáforas e na intertextualidade que apresenta com o texto bíblico.¹

Adélia tira partido das várias classes gramaticais, da colocação e funcionalidade dos termos sintáticos, principalmente do aposto e do vocativo, das escolhas vocabulares e do neologismo, entre outros fenômenos da língua, para oferecer ao seu leitor significações diferenciadas. Sua poética alcança valor literário graças à variedade com que usa as potencialidades da língua portuguesa.

A riqueza estilística da poética de Adélia Prado alcança o nível fônico e o nível sintático, principalmente no uso de aliteraões e sonoridades inusitadas. Do ponto de vista semântico, nota-se a presença da intertextualidade bíblica, base da estética de sua obra.

Do ponto de vista da linguagem religiosa, pode-se afirmar que em Adélia Prado, verifica-se a preferência pelo aposto e pelos supra-segmentais², muito elaborados, os quais serão o fundamento e a expressão de todo o universo

¹ - Adélia Prado, católica praticante, em entrevista já anunciou sua admiração pelo pensamento religioso dos Pais do Deserto, dos poemas de João da Cruz e sobre a doutrina espiritual do Mestre Eckardt, religioso alemão que viveu no século XVIII, deixando obra de grande respeitabilidade sobre o sofrimento.

² Também chamado de prosodema, trata-se de um fenômeno inicialmente ligado à sílaba tônica da palavra e ao seu timbre aberto ou fechado. Em trabalho de Mestrado, comprovei que o traço supra-segmental, em Adélia Prado, excede o simplesmente fônico e atinge o vocábulo e a sua união com outro vocábulo. Por exemplo: “claustro / caos tão claro”, de que se falará posteriormente. (Machado,2003)

de intertextualidade bíblica e de linguagem cristã-católica apreensível em poemas da autora.

Através da leitura de sua obra, percebe-se que há polifonia³ multivocal, em intertextualidade flagrante com o texto bíblico e o ideário que caracteriza a linguagem religiosa.

Percebe-se que, em algumas passagens, a polifonia estrutura uma linguagem bem próxima de um fluir da consciência, mais livre do que no discurso indireto livre, mas não muito próxima da “escrita automática” que caracteriza o Ulisses, de Joyce. Em todos os poemas, entretanto, os exemplos mais profundos desse discurso livre estão relacionados com a fala religiosa que irrompe na consciência do eu-lírico. Estes são os momentos mais flagrantemente perceptíveis do diálogo com a religião.

Existe na obra, convivendo com os recursos estilísticos tradicionais, como os fônicos, os morfológicos e os sintáticos, uma estilística da intertextualidade, uma estilística do neologismo, uma estilística da metalinguagem com a Poesia, e, entre outras mais, uma estilística dos títulos e das chaves finais da construção de cada poema, à semelhança das conhecidas chaves-de-ouro do soneto renascentista. Entretanto, é na formulação dos prosodemas ou traços suprasegmentais que sobressaem as inferências em linguagem religiosa.

ANÁLISE DE POEMAS ADELIANOS:

O poema a seguir mostra Deus em um discurso poético surrealista:

A paciência de Deus sentou de pernas cruzadas La paciência de Dios há sentado
na platibanda da igreja. Com uma mão pitava, en la *platibanda*⁴ de la iglesia. Con una mano
fumaba

³ Conceito emitido por Julia Kristeva, em consonância com estudos de Bakhtin, na obra *Introdução à Semanálise*. Segundo a autora, em todo texto podem interferir discursos de origem estranha ao discurso do locutor, fazendo-se mesmo ouvir várias vozes dentro de um mesmo texto. Tal conceito ajusta-se perfeitamente ao conceito de intertextualidade com o texto bíblico, pois com muita frequência a autora dá voz audível ao texto bíblico, tanto do Antigo quanto do Novo Testamentos, em total harmonia com o contexto poético que ela deseja transmitir.

⁴ Platibanda: o mesmo que *tarima* em espanhol

com a outra segurava o joelho,
piscando um código pra Murilo Mendes
que rolava de rir.

con la otra mano agarraba la rodilla,
guinando um código a Murilo Mendes
que rodava de risa.

Observe-se no poema a seguir, como se dá a polifonia , pois depreende-se nele o discurso

de um eu – a própria poetisa, no plano da memória - dentro do discurso do eu-lírico:

() raio fende o céu: amarelo-azul profundo.
()s rostos ficam pálidos, a cor da terra,
A cor do sangue pisado ..
De que cor eram os olhos do centurião convertido?

A calça azul de seo Raul,
pra mim,
faz parte da Bíblia.

El rayo hende el cielo: amarillo-azul profundo
Los rostros se quedan pálidos, el color de la tierra
el color de la sangre morada.

De que color eran los ojos del
centurión convertido?

El pantalón azul del señor Raul,
para mi,
hace parte de la Biblia.

Finalmente , no poema abaixo, apresenta-se a fala da religião como se fosse um outro falando dentro do discurso do eu-lírico, exemplo este que comprova ao mesmo tempo a polifonia do discurso e a intertextualidade com a linguagem religiosa católica:

Olha,filha,aquela mulher que vai ali
não é digna do nosso cumprimento .
‘Por que, mãe, não é dí-gui-na?’
‘Quando você crescer,entenderá’”
Senhor eu não sou digno
Que neste peito entreis,
Mas vós, ó Deus benigno,
As faltas suprireis.
Na fila da comunhão cantamos .
A mulher velha e eu.

Mira, hija, la mujer que vá allá
no es digna de nuestro saludo.
‘Por que, madre, no es di-gui-na?’
‘Cuando usted crezca, entenderá’
Señor,yo no soy digno
Que en mi pecho entrés,
Pero vos, ó Dios bendito,
Las faltas suprirás.
Em la cola de la comunión cantamos,
La mujer vieja y yo.

Os dois trechos de poema abaixo mostram a íntima relação elaborada pela poetisa entre o uso estilístico do neologismo e a linguagem religiosa. Observem-se os termos grifados:

“Desde toda vida
Descompreendi inteligentemente
O xadrez, o baralho,
Os bordados nas toalhas de mesa.”

=====
“Em certas manhãs **desrezo**:
A vida humana é muito miserável.
Um pequeno desencaixe nos ossinhos
Faz minha espinha doer.

“Durante toda la vida
descompreendi inteligentemente
el ajedrez, la baraja
Los bordados en las toallas de mesa”

=====
Ciertas mañanas **desrezo**:
La vida humana es muy miserable.
Un pequeõo desencaje em los ositos
Hace mi espina doler.

Sinto necessidade de bradar a Deus.
Ele está escondido, mas responde **curto**:
'brim coringa não encolhe'.
E eu entendo **comprido**
o comovente esforço da humanidade
que faz roupa nova para ir na festa,
o prato esmaltado onde ela ama comer,
um prato fundo verde imenso mar cheio
de estórias.
A vida humana é muito miserável.
'Brim coringa não encolhe?'
Meu coração também não.
Quando em certas manhãs **desrezo**
é por esquecimento,
só por desatenção.

Sinto necesidad de bradar a Dios.
Él está escondido, pero responde **corto**:
'brim coringa⁵ no encoge'.
Y yo entiendo **amplio**
el conmovedor esfuerzo de la humanidad
que hace ropa nueva para ir a la fiesta,
el plato esmaltado donde ella ama comer
Um plato hondo verde amplo mar pleno
de historias.
La vida humana es muy miserable.
'Brim coringa no encoge?'
Mi corazón también no.
Cuando ciertas mañanas **desrezo**
es por olvido
es solo por desatención.

No verso a seguir, aparece um supra-segmental acarretando intertextualidade bíblica com o segundo mandamento – “Não tomar o nome de Deus em vão”, que a autora associa com “num vão”.

Tomo o nome de Deus num vão.

A expressão grifada abaixo remete ao universo bíblico. Moisés fala com Deus, representado no fogo ardente de uma sarça, o que faria desta o “santo dos santos”, tal como a poetisa quer significar sobre a memória sagrada que ela tem de sua família.

Meus seios se cumpriram
e as moitas onde existo
são **pura sarça ardente** de memória.

O poema abaixo é um dos mais emblemáticos da autora. O prosodema ou traço supra-segmental constituído por “claustro/ caos tão claro” se notabiliza na criação da linguagem poética de Adélia. A aliteração do fonema /v/ é facilmente reconhecido, mostrando sua grande musicalidade e ritmo. Finalmente, a aliteração da sibilante /s/ nos dois versos finais sugere a continuação de um tempo estagnado, próprio aos cemitérios.

Viola violeta violenta violada,
óbvia vertigem **caos tão claro**,
claustro.

⁵O mesmo que *jeans*.

Lápides quentes sobre restos podres,
um resto de café na xícara e mosca.

Presente nos títulos, nas chaves dos poemas, nos trechos em linguagem religiosa ou em seu interior semântico, o aposto mostra-se o *plus* criador de sua poética. Aqui se encontram apostos, mas também vocativos de grande inferência religiosa e bíblica. Note-se a valorização da Mãe de Jesus ao ser chama de “carne em flor”. Excepcional também a criação neológica de “urdidura”, mostrando a importância teológica de um ventre de mulher ter dado forma ao próprio Filho de Deus.

Ave, Maria!
Ave, carne florescida em Jesus.
Ave, silêncio radioso,
urdidura de paciência
onde Deus fez seu amor inteligível!

Finalmente, no poema **A treva**, encontra-se a confirmação da existência da linguagem religiosa em Adélia, já que nele se encontra uma citação intertextual explícita com a linguagem bíblica e religiosa:

Me escolhem os claros do sono
engastados na madrugada,
a hora do Getsêmani.
São cruas claras visões

A sinestesia do último verso, criada por meio do processo da aliteração ou consonância, o que realça sua plurissignificação, reforça a intertextualidade com Getsêmani, palavra que, no discurso bíblico e religioso, representa “a grande hora do suor sangue”. Naquele momento, o personagem central, Jesus, sofre, “vê Deus”, e os seus apóstolos, testemunhas do momento, “têm a visão de entidades espirituais que cercam a figura do personagem” daquela narrativa do Novo Testamento.

Finalmente, encerrando esta breve análise:

Antes do nome

Não me importa a palavra, esta corriqueira.

Antes del nombre

No me importa la palabra, esta

Quero é o esplêndido caos de onde
emerge a sintaxe,
os sítios escuros onde nasce o 'de', o 'aliás',
o 'o', o 'porém' e o 'que', esta incompreensível
muleta que me apóia.
Quem entender a linguagem entende Deus
cujo Filho é Verbo. Morre quem entender.
A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda,
foi inventada para ser calada.
Em momentos de graça, infreqüentíssimos
se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão.
Puro susto e terror.

Quiero el esplendido caos donde
emege la syntaxis,
los lugares oscuros de donde nace
el “de”, el “alias”,
la “o”, el porém y el “que”, esta incompreensible
muleta que me apóia.
Quien entienda el lenguaje entiende Dios
cuyo hijo es Verbo. Morre quien entienda.
La palabra es fisfarce de una cosa más grave,
surda-muda,
Há sido inventada para ser calada
Em momentos de graça, infreqüentísimos,
se podrá agarrála: uno peixe vivo com la mano
Puro susto y terror

O poema acima pode ser considerado uma conceituação poética, descritiva, do que se denomina , na linguagem teológica , de Fenomenologia, no caso, para ser mais objetiva, uma vivência fenomenológica. A poetisa faz uma analogia entre entender a linguagem e o entendimento de Deus que a linguagem pode trazer. Mas, como na passagem bíblica, entender acarreta morrer, pois a palavra, analogia com o Verbo criador = Deus, disfarça a Poesia, assim como Deus está disfarçado em sua Palavra. E culmina com a descrição da teofania: perceber a palavra, como perceber Deus, é graça , de tal modo é rara a possibilidade, o susto e o terror de ver-se a Vida nas próprias mãos, ou seja, ver Deus com os próprios olhos. É “infreqüentíssimo”, também, pois “palavra é disfarce” e quando se diz “deus”, já não é mais Deus, é apenas símbolo para Deus, tal como ensina Paul Tillich em seu *Dinâmica da Fé*.

CONCLUSÃO:

As descobertas literárias são subseqüentes às lingüísticas; os estudos literários devem ter correspondência na estruturação da língua que se cria e recria através da obra . Se a Literatura vê , na obra de Adélia, um discurso ambivalente, sacro e profano, erótico e amoroso, de forma lingüística requintada e conteúdo cotidiano, a Língua Portuguesa vê , em cada uma destas faces , um recurso estilístico, um símbolo/metáfora que reproduz o desenho, feito com palavras, da imagem de Deus tal como a vê a poetisa.

Finalmente, não há como negar, tal como afirma Kuschel em seu *Os escritores e as escrituras*, que a obra de Adélia Prado é um falar sobre Deus que se expressa através do cânon católico, da linguagem bíblica e da inédita criação estilística. Que este trabalho não tenha empanado o brilho de tão eminente poetisa!

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BINGEMER, Maria Clara e YUNES, Eliana, org. *Mulheres de Palavra*. São Paulo: Loyola, 2003.

CRESSOT, Marcel. *O Estilo e suas técnicas*. Edição 10, 1980.

KUSCHEL, Karl Josef. *Os escritores e as escrituras. Retratos Teológicos Literários*. Trad. Paulo Astor Soethe et alii. São Paulo: Loyola, 1999.

LAURENT, Jenny. *Intertextualidade*. Coimbra: Almedina, 1979.

MACHADO, Maria Celeste de Castro. “Adélia Prado: a Construção Nominal Revisitada.” Dissertação de Mestrado. Defesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 15/05/2003.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. *Introdução à Estilística: a expressividade na Língua Portuguesa*. SP: EDUSP, 1989.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves (org.). *Língua e linguagem em questão*. RJ: EdUERJ, 1997.

_____. “A Questão estilística / De Problemas e Alternativas”. In: *Língua e Linguagem em Questão*. Rio de Janeiro : Eduerj , 1998.

_____. *Língua Portuguesa : da sua celebração em forma de textos*. In : *Aulas de Português : perspectivas inovadoras*. Petrópolis RJ , Editora Vozes, 1999 .

PRADO , Adélia Prado .. *Poesia Reunida* .São Paulo: Siciliano, 2000.